

Os livros da floresta: contando histórias com os Mbya-Guarani

Descrição da ação para apresentação

O vídeo que apresentamos procura contar um pouco de nossa prática que resultou numa efetiva experiência de interculturalidade. Desde outubro de 2011 o Grupo Quem Conta um Conto se colocou num lugar difícil mas altamente compensador: contar histórias do povo Mbya-Guarani pesquisadas em diversos suportes (livros, DVDs, CDs, sites) para alunos e professores da escola situada na aldeia dessa etnia na Lomba do Pinheiro, a Tekoa Anhetenguá. A relação vem se construindo entre acertos e erros, dada a natural dificuldade ao tratarmos com um outro povo, portador de uma cultura diferente que habita tão próximo de nós, em plena cidade.

Objetivos

Desde a primeira apresentação, quando, para surpresa deles, cantamos duas pequenas canções na língua Mbya, se estabeleceu um desafio de duas mãos: deles por aceitarem receber em sua escola pessoas que apresentam uma versão performatizada das histórias que conhecem como ensinamento, como memória ancestral; nossa por fazer o caminho inverso – transpor de novo em voz viva o que um dia foi transmitido pelos canais e signos próprios da oralidade desse povo enigmático e sereno, que não cansa de nos desafiar com seus silêncios, suas risadas e sua lucidez. Queríamos, além de contar, escutar suas histórias. Contudo, por termos contato basicamente com as crianças pequenas da escola, que falam pouco o português, nem sempre conseguíamos que eles atuassem como narradores. Então optamos por inserir nas práticas esquemas corporais, jogos e experiências com repetições de palavras, cantorias e ritmos, o que facilitava a comunicação. Também procuramos que referências de seu cotidiano aparecessem nas histórias e jogos escolhidos, sobretudo trazendo os seres da mata - animais e plantas – e ainda elementos míticos de sua cultura (o tatu, a onça, o artesanato, o peixe, a erva-mate, o milho, o rio, a lua, o sol). Sendo assim, buscamos aproximar a ordem simbólica da vida material. Com isso fomos nos apropriando de conhecimentos sobre essa cultura, procurando dialogar com seu ponto de vista tanto quanto conseguimos.

Metodologia

Em nossas experimentações, propusemos uma sequência de práticas que se revelou inspiradora. Começamos por levar argila e convidá-los, entre músicas e jogos corporais de nosso repertório (como o “Escravos de Jó”), a esculpir seus bichos preferidos. Além dos animais das histórias por nós contadas, ganharam forma os seres de sua imaginação. No encontro seguinte, levamos sucatas e um suporte de isopor para construirmos a aldeia Anhetenguá. A intenção era fazer os bichos agirem naquele espaço conhecido, tornado real e fabuloso ao mesmo tempo quando eles criassem histórias nesse lugar construído coletivamente. Depois disso, a ideia era encenarmos ali uma festa dos bichos. Nesse momento, o professor Jerônimo mencionou que conhecia uma história dos bichos que faziam uma festa no céu, que de imediato nos fez lembrar de conto popular famoso no folclore brasileiro. Esse foi o gancho para que propuséssemos então que no próximo encontro cada um contasse sua versão da história. Seria a primeira vez que eles nos contariam uma história. No encontro

seguinte, preparamos uma apresentação especial, em que um de nós era o narrador e os demais apareciam como personagens, um deles tocando um violão, que era, além de tudo, elemento fundamental da história. Jerônimo contou em português e em guarani sua versão, em que apareceram diferenças interessantes (em vez de tartaruga, era um sapo a ir para o céu; em vez de violão para o transporte, uma mala; e ainda merece destaque o surpreendente desfecho da história com as asas de cera, que derretem ao sol e causam a queda – e o castigo - do sapo). Esse dia culminou com pequenas encenações, em que as crianças convidavam umas às outras para ir à festa e tinham que inventar um meio de chegar lá (avião, disco voador e pulos foram algumas das invenções). Com isso criaram micro-enredos e interagiam entre si e conosco. E ainda tivemos a degustação de frutas, bolo e sucos numa festa na aldeia. Meses depois, um desdobramento disso se deu com os alunos jovens nos recebendo na aldeia com uma leitura coletiva e em voz alta de uma versão – nas duas línguas - que eles escreveram da história.

Processos avaliativos possíveis

Fechando um circuito produtivo, de trânsito entre culturas e entre letra e voz, experimentamos aqui a reciprocidade que marca esse povo: assim como oferecemos a eles nossas histórias, eles também têm nos oferecido, lentamente, suas histórias e ensinamentos. O que descobrimos nos livros sobre essa cultura resistente e fascinante se desdobra nas aprendizagens ao longo dessa convivência. Sobretudo a partir do professor Jerônimo, construímos propostas, imaginamos ações e recebemos inspiração para novos projetos e práticas. Conforme o professor, nossa presença faz com que enxerguem sua cultura de outra forma e a valorizem ainda mais. Estamos, assim, construindo um livro da floresta, cujas páginas são preenchidas na vida com múltiplas linguagens e com todos os sentidos. O registro em vídeo dessa trajetória propicia o compartilhamento desse encontro de temporalidades e cosmovisões distintas, porém abertas para a descoberta do outro.